

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA

12 e 30 de setembro de 2024

O TRABALHO LIBERTA? / 1993

um filme de Edgar Pêra

Concepção, Cine-câmara, Montagem: Edgar Pêra / Reportagem e Assistência de realização: Lígia Pereira / Repórter: João Sodré / Composição e execução: Tiago Lopes / Cine-fotografia: Laurent Simões / Imagem de estúdio: Vítor Estêvão / Grafismos: Carlos Guerreiro / Fado dos Preguiçosos interpretado por Irmãos Catita / Com: Paulo Varela Gomes, António Vaz Pinto, Paulo Borges, Agostinho da Silva, António Bracinha Vieira, Herman José, José Luís Judas, Ruben de Carvalho, Manuel João Vieira, João Leitão, mineiros Neves Corvo, demolidores do Chiado, trabalhadores alentejanos, etc.

Produção: NCI-Núcleo de Cineastas Independentes, Valentim de Carvalho
Televisão para o canal ARTE (Portugal, 1993-2001) Produção Executiva: Catarina Santos
Co-Produção: João Cruz Cópia: Digital, preto e branco e cor / Duração: 25 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca: 4 de Maio de 2023, A Cinemateca com o Indielisboa / Foco Silvestre – O trabalho e o movimento sindical: Profissão Trabalho.

O Trabalho Liberta? e Sortie des Usines Lumière à Lyon é apresentado juntamente com **On Purge Bébé** “folha” distribuída em separado).

Em **O Trabalho Liberta?**, um dos primeiros cine-ensaios de Edgar Pêra, o realizador interroga os seus entrevistados sobre o poder emancipatório do cinema. São muitas as figuras que lhe respondem a esta questão, assombrada pela sua associação à mesma formulação na Alemanha nazi (que aqui é explicitada). De Agostinho da Silva, a Manuel João Vieira, passando por Herman José, são diversas as hipóteses apresentadas, umas mais elaboradas e outras mais pragmáticas, como a deste último: “o trabalho não liberta, mas cedo me apercebi que o dinheiro sim, daí matar-me a trabalhar para quando não o conseguir fazer”.

Apresentado no genérico como um “vídeo-filme”, **O Trabalho Liberta?** caracteriza-se por uma forte energia e irreverência na montagem, em que se

sobrepõem imagens a cor e a preto e branco, recorrem-se a imagens negativas e a outras oriundas da cultura popular, que enquadram (ou desenquadram) as entrevistas registadas para o filme, numa acumulação de imagens e sons a uma velocidade vertiginosa. A improbabilidade dos *raccords*, a atracção pelas vanguardas e o retrato de uma cidade moderna, em que há quem advogue que gosta mais de destruir do que de construir, devolve-nos um retrato de uma geração que não se revê propriamente na afirmação do trabalho como ferramenta de libertação, apontando antes para a possibilidade da maior parte do trabalho poder transformar-se numa forma de “escravidão”, ou envolver um paradoxo: “pode libertar-nos e aprisionar-nos simultaneamente”.

Joana Ascensão

SORTIE DES USINES LUMIÈRE À LYON / 1885

Realização e produção: Louis Lumière / Cópia: digital, p/b, mudo / Duração: 47 segundos.

Com este filmezinho de Louis Lumière começou o cinema e sendo ele tão pequeno e experimental será, talvez, um pouco abusivo extrapolar-lhes premonições e linhas de fuga para o então putativo futuro do cinema. Sejam então meramente assinalados alguns pormenores inscritos no filme que trazem dentro de si uma ideia quanto à matéria que Lumière manipulava.

Em *La Sortie des Usines Lumière*, do qual veremos uma provável segunda versão filmada em 10 de junho depois de uma primeira tomada de vistas a 15 de março, o mais flagrante é o seu carácter absolutamente naturalista e documental; talvez, até menos do que documental porque nada indica que havia por detrás destas imagens uma intenção de captar e registar uma realidade. Não há aqui qualquer esboço de drama, nem à acção filmada é imputada qualquer relevância. Ao contrário da pintura que então se fazia, o cinema parece aparece a Lumière como uma forma estática, mais neutra ainda do que a fotografia, de transpôr o mundo para dentro das imagens. Isto e mais nada.

José Navarro de Andrade